



## ENTREVISTA - REDOC

Dossiê - Ecloração dos saberes e fazeres na cibercultura: exercício da docência na educação básica

Entrevista - **O exercício da docência na educação básica no contexto da cibercultura** - com Rogers Vasconcelos Mendes<sup>1</sup> e César Augusto Amaral Nunes<sup>2</sup>

Entrevistadora:  
Vagna Brito de Lima<sup>3</sup>

A presente entrevista foi realizada com dois profissionais com efetiva atuação na educação básica a partir das suas lentes de análises e contribuições sobre o mesmo objeto em estudo: **O exercício da docência na educação básica no contexto da cibercultura**. Vislumbraremos a perspectiva de um gestor de uma rede pública de ensino nos últimos anos (2007-2021), atualmente, consultor em uma fundação, e de um pesquisador/gestor de soluções educacionais. Portanto, para a construção desse empreendimento, realizamos a mesma entrevista com Rogers Vasconcelos Mendes, ex-secretário executivo de Ensino Médio e da Educação Profissional (2019-2021) da Secretaria da Educação do Ceará (Seduc-CE) e César Augusto Amaral Nunes, ex-gerente de Desenvolvimento de Soluções do Instituto Unibanco (até a segunda metade do ano de 2021) e pesquisador no Grupo de

---

**Submetido em:** 14/12/2021 – **Aceito em:** 16/12/2021 – **Publicado em:** 17/21/2021.

<sup>1</sup> Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2013). Ex-secretário executivo de Ensino Médio e da Educação Profissional da Secretaria da Educação do Ceará (Seduc-CE), professor da rede pública estadual de ensino. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Avaliação de Sistemas e de Desempenho Acadêmico, Reorganização Curricular do Ensino Médio e Políticas Educacionais. Atualmente, é consultor educacional da Fundação Lemann.

<sup>2</sup> Doutor em Física pela Universidade Técnica de Munique. Pesquisador associado ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Moral (GPEM) e ao Instituto de Estudos Avançados (IDEA) da Faculdade de Educação da Unicamp. Tem especialização em Ensino para a Compreensão e Avaliação Educacional pela Faculdade de Educação da Universidade de Harvard. Membro do Comitê Internacional da OCDE para Pesquisa e Inovação do PISA. Ex-gerente de Desenvolvimento de Soluções do Instituto Unibanco.

<sup>3</sup> Doutora em Educação (2017) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), realizou Estágio Científico Avançado de Doutorado pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE-CAPES) na Universidade do Minho em Portugal (2016). Mestre em Educação (2012) pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e professora da educação básica na rede pública estadual do Ceará. Atualmente, é coordenadora estadual da Formação Docente e Educação a Distância da Seduc-CE.

Estudos e Pesquisa em Educação Moral (GEPEM) da Faculdade de Educação da Unicamp.

O objetivo da entrevista foi identificar as percepções sobre o exercício da docência no contexto da cibercultura a partir do diálogo de atores situados em diferentes esferas de atuação no campo da educação básica.

As contribuições dos entrevistados apresentam sentidos significativos para as perspectivas educacionais presentes, com o olhar voltado para o futuro, posto que são acepções constituídas desde as experiências de atuação implicadas no contexto da prática, compreendendo experiência/sentido com base nas reflexões de Jorge Larrosa Bondía (2002) e contextos balizados na abordagem do ciclo contínuo de políticas (BOWE, BALL & GOLD, 1992; BALL, 1994).

Para Larrosa Bondía (2002, p. 26), “é experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”. Nessa perspectiva, consideramos que os nossos entrevistados mobilizam saberes permeados de sentidos analíticos para a compreensão dos contextos presentes no campo educacional brasileiro, com prospecções para o futuro das políticas educacionais, posto que “o saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece” (LAROSSA BONDÍA, 2002, p. 27) e o momento é de incertezas.

No que se diz respeito aos contextos - de influência, da produção de texto de políticas, da prática, dos resultados/efeitos e da estratégia política -, compreendemos que cada um deles consiste em um número de arenas de ação, algumas privadas e algumas públicas. Cada contexto envolve luta e compromisso, ambos articulados à dinâmica da atuação dos sujeitos sociais. Nesses campos, não há uma direção simples de fluxo de informação entre eles, visto que há articulações e intersecções simultâneas, conforme as políticas são encenadas. A preocupação analítica é com as questões de justiça, igualdade e liberdade individual. As políticas são analisadas em termos de seu impacto e de suas interações com as desigualdades e formas de injustiça existentes (BOWE, BALL & GOLD, 1992; BALL, 1994). Há, ainda, a possibilidade de os contextos se apresentarem “aninhados” (LIMA; PEREIRA; SÁ, 2019) com atuações concomitantes e interseccionadas.

Nessa direção, consideramos que as narrativas dos entrevistados são investidas dos sentidos da experiência como atores sociais que estiveram no contexto da prática e, para tanto, atuaram nos diferentes contextos das trajetórias das políticas educacionais nos cenários em que se encontravam.

Assim, para iniciar o diálogo com os entrevistados, cabe-nos mobilizar uma reflexão sobre a intensificação do uso das tecnologias para dar suporte à educação básica no atual contexto de isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19.

**Entrevistadora:** Nessa direção, como podem ser analisados os impactos desse momento histórico para a educação básica no Brasil e no mundo? No mesmo sentido, quais impactos podem ser identificados?

**Cesar Nunes** - Sem dúvida, o maior abalo na pandemia foi perder um ente querido ou ficar doente e ter sequelas duradouras. Ainda que esse tenha sido o caso para a maioria, há algo que levaremos anos para dimensionar o impacto: conviver com a proximidade da morte traz consequências para a saúde mental; e isso aconteceu numa escala inimaginável devido à trágica condução por parte do governo federal. Para a educação, além da questão da saúde, houve a ruptura das rotinas inerentes ao processo de escolarização. Os jovens se habituam de forma quase inconsciente a participar de ações coordenadas que envolvem responsabilidades de sua parte e participação de outros atores como chegar à escola no mesmo horário, participar das aulas, fazer tarefas, conviver de forma respeitosa em ambientes comuns lidando com diferenças, etc. A perda dessas rotinas afeta a saúde mental, mas também o convívio e a produtividade numa fase da vida onde há tanto a aprender e experimentar. A tecnologia trouxe a possibilidade de remediar apenas em parte a continuidade das aulas, mas a perda do convívio é mais gritante e menos substituível.

**Rogers Mendes** - A escola, enquanto instituição secular, apresenta muita resistência em relação às inovações tecnológicas. O livro didático, por exemplo, não teve uma aceitação “automática” como recurso pedagógico, pois, de um certo modo, ameaçava a autoria intelectual dos professores que, até então, estavam acostumados a criar suas próprias referências de ensino. A tecnologia eletrônica, representada por computadores, dispositivos móveis e internet, no seu advento, já provocava suspiros nos educadores mais entusiasmados sobre os potenciais usos de suas possibilidades no contexto da educação. No final do século XX, imaginava-se uma invasão dessas tecnologias nas escolas, o que compunha qualquer lista dos oráculos e promessas de modernização do ensino ao longo desses anos que estamos vivendo. Muitas iniciativas surgiram na direção de fazer cumprir esses olhares futurísticos, como os laboratórios de informática, *softwares* com reprodução mais performática dos conteúdos e experimentos científicos, ampliação da capacidade de tráfego de dados pela internet nas escolas, um computador por aluno e muitos outros. Contudo, tenho a sensação que esses recursos, mesmo quando acompanhados por formações de professores, não emplacaram a tecnologia como suporte didático forte, pelo menos, não em todas as escolas. A pandemia da Covid-19, com o impedimento das atividades presenciais, trouxe recursos tecnológicos diversos para proporcionar o ensino remoto. Professores recorreram ao que ficou

mais acessível para se ajustarem aos novos processos de interação professor e aluno. No entanto, como esperado, reproduziu-se no remoto as práticas já existentes no presencial, o que remeteu à ideia de uso da tecnologia para substituir o que se fazia, presencialmente, ao ministrar aulas expositivas. Essa constatação me traz a reflexão de que a tecnologia, como substituta do giz ou do pincel e da lousa, não inspira confiança quanto ao uso dos recursos eletrônicos quando a normalidade presencial for retomada nas escolas, pelo menos, não de modo instantâneo. O que quero deixar claro, nesse início de conversa, é que, sim, o uso da tecnologia foi impressionantemente amplo no momento da pandemia, mas muito trabalho tem-se pela frente para fazer desses recursos uma realidade para ampliar o repertório didático e dar mais efetividade aos processos de ensino-aprendizagem no momento de retomada plena das atividades presenciais.

**Entrevistadora:** Quais possibilidades você percebeu que favoreceram a equidade durante o contexto de crise provocado pela pandemia? Nesse contexto, como você avalia o uso das tecnologias para dar suporte às estratégias educacionais?

**Cesar Nunes** - Em princípio, a pandemia escancarou e ampliou ainda mais as desigualdades. Não ter acesso à tecnologia dificultou manter o contato com a escola em um nível que, mesmo para quem tinha acesso, já era paliativo. Fora do contexto de crise, favorecer a equidade depende de uma intenção forte e clara, um olhar muito humano e integral para os alunos, e uma fluência pedagógica extremamente elaborada. É necessária diferenciação na atenção e no cuidado, seja na proposição de tarefas, na ativação de trabalho com pares, no acompanhamento e no apoio por parte do professor, ou mesmo, nos critérios e tipos de avaliação. No caso da pandemia, além dos desafios listados acima, é necessário ter também fluência tecnológica. A tecnologia, em princípio, pode contribuir facilitando a diferenciação, promovendo ajuda entre pares, colocando o aluno num papel mais ativo e, com isso, dando maior visibilidade às suas necessidades e aumentando as possibilidades de intervenção efetiva do professor. Quem não se preocupava ou não se sentia capaz de agir dessa maneira antes da pandemia dificilmente se moveu nessa direção, mas tivemos alguns exemplos notáveis e, por conta também do uso da tecnologia, acessíveis a outros educadores, gerando um efeito demonstração importante.

**Rogers Mendes** - Por conta do não acesso às mesmas tecnologias por todos os estudantes, as desigualdades em relação às possibilidades de aprendizagem foram ainda mais comprometidas. As escolas que insistiram na transmissibilidade de aulas remotas que se assemelhavam às aulas presenciais, ao invés de usarem a personalização que muitos recursos tecnológicos permitiam, não contribuíram efetivamente para a promoção da equidade. Como já mencionei, muitos artifícios

possibilitam um ensino mais personalizado, em que as dificuldades de aprendizagem dos alunos podem ser acompanhadas e, de alguma forma, o avanço em relação a elas, melhor gerido pedagogicamente, como é o caso das plataformas adaptativas, que unem avaliação e direcionamento de recursos de aprendizado, de acordo com as habilidades e necessidades de desenvolvimento identificadas, entre muitas outras ferramentas que podem, com mais investimento nesse tipo de tecnologia, apoiar professores no planejamento de aulas que considerem todos os seus estudantes e suas necessidades específicas de aquisição de conhecimento, uma das formas mais eficazes de promover equidade em um contexto de muitas desigualdades.

**Entrevistadora:** Como as tecnologias digitais da informação e comunicação podem contribuir para a integração com os atos do currículo que respondam às mudanças culturais emergentes?

**Cesar Nunes** - Não é qualquer cultura emergente que é desejável. Temos uma sociedade mais diversa, complexa e vibrante, mas também vivemos uma crise nos valores humanos e democráticos. A educação pode ser vista como aquela que forma estudantes para viver e conviver bem socialmente, como também que tenham um papel ativo na construção de uma sociedade mais justa e mais igualitária. Associar o uso de tecnologias a metodologias ativas já se tornou jargão. Mas que tipo de “ativismo” está por trás das metodologias ativas? Ser capaz de pensar e agir de maneira flexível com aquilo que se aprende, com autonomia intelectual e moral para decidir no que agir, como e quanto influenciar, são ingredientes de uma educação emancipadora que usa os atos do currículo, tanto em termos de conhecimento como de competências, para desenvolver essas capacidades de ação. Colaborar para quê e a partir de que base de conhecimento? Projetar o quê? Criar o quê, para quê e para quem? Esses propósitos é que dão sentido ao desenho que fazemos dos atos de currículo num contexto de culturas emergentes.

**Rogers Mendes** - O tempo de atividades da escola é muito concentrado no desenvolvimento do currículo clássico, aquele que historicamente é abordado. Discutir o pluralismo de percepções sobre a realidade que construímos com nossas relações sociais é um assunto praticamente inexplorado nas aulas convencionais, pelo menos, não de forma sistêmica. Conhecimentos que são demandados pelos próprios estudantes, que emergem quando são provocados a pensar seus projetos de vida, também são pouco correspondidos. Parece-me uma grande oportunidade criar redes entre as escolas do Brasil para se gerar plataformas de aprendizagem com a colaboração dos professores de todos os territórios, baseadas na diversidade do povo brasileiro. Mais do que tecnologia, precisamos de uma atitude coordenada,

que seja potencializada por recursos tecnológicos avançados de comunicação em larga escala.

**Entrevistadora:** No seu entendimento, como você compreende o papel do professor da educação básica, enquanto pesquisador da sua prática, imerso nos desafios impostos pela pandemia?

**Cesar Nunes** - Para todos, mas para os professores em especial, a pandemia foi um momento de repensar a vida, a sua relevância e a sua contribuição. A grande maioria dos professores, aqueles que não foram afetados de maneira muito traumática, voltou suas ações iniciais para o acolhimento dos seus alunos e seus pares. Poucos foram aqueles que não colocaram aspectos de bem-estar de seus alunos em primeiro lugar. Isso em si já é uma reflexão sobre a própria prática. O que vimos, porém, foram exemplos muito interessantes de exploração e ampliação significativa de saberes docentes. Para quem tinha aversão à tecnologia, passou a ser aceitável fazer atividades remotas. Para outros que tinham alguma fluência, houve exploração de novas ferramentas, trocas com pares, busca de inovações. Eu diria que houve avanços generalizados a partir do ponto em que cada um estava. Talvez o ponto mais significativo tenha sido a inexorável necessidade de pensar a própria prática uma vez que ela precisava ser feita de outra maneira, mesmo que fosse mudar para ficar como estava!

**Rogers Mendes** - Os professores terão novos desafios, mas, ao mesmo tempo, contarão com mais recursos de apoio às suas práticas. Os reveses estarão relacionados a outros interesses que serão apresentados pelos estudantes para se manterem concentrados nas atividades escolares. Por outro lado, se forem apoiados, por meio da formação continuada e do acesso a recursos tecnológicos diversificados, poderão empreender uma série de atividades com o envolvimento dos estudantes em processos mais participativos e que colaborem com o desenvolvimento da autonomia intelectual.

**Entrevistadora:** Pensando no desdobramento das estratégias desse momento, usadas no campo educacional, o que você destaca como legado importante para a transformação positiva da educação?

**Cesar Nunes** - Eu gostaria de começar alertando para um risco. Como muitos professores e alunos vivenciaram atividades emergenciais que apenas repetiam, de forma paliativa, aquilo que já faziam sem tecnologia, corre-se o risco da “volta ao normal”, abandonando um avanço que houve tanto na compra de equipamentos, como de acesso e de maior capacidade de manejo. Dito isso, pontos de destaque: o

aumento do acesso às redes; a distribuição de chips e de tablets; a vivência com diferentes plataformas e sistemas; a organização e o acesso a recursos digitais para as mais diferentes áreas. Contudo, eu diria que os efeitos mais positivos são aqueles que geram transformações que não seriam possíveis sem tecnologia. Houve um número muito grande de webinars e eventos, gradualmente, foi-se percebendo que muitos dos encontros interessantes não eram feitos por especialistas, mas, sim, pela própria comunidade de educadores e alunos. Essa valorização do conhecimento e das produções locais é algo que vem para ficar. Junto com isso, houve também uma reorganização do processo de trabalho: quem se encontra com quem, em que momento, como trabalhar em pequenos grupos de forma muito mais flexível e volátil do que se fazia antes. Ver-se-á uma crescente alteração nos processos colaborativos, nas produções coletivas e no avanço dos processos de gestão e de geração do conhecimento, inclusive envolvendo alunos.

**Rogers Mendes** - O maior legado desse momento foi, sem dúvida, a legitimidade conquistada pelos recursos tecnológicos, que permitiram comunicação e interação no contexto escolar. A partir dessa abertura, foi possível aos professores acrescentar muitas inovações pedagógicas, que reverberaram em uma maior efetividade dos processos de aprendizagem. Outro legado emergente corresponde com a possibilidade de proporcionar aos estudantes novos itinerários, cujo currículo clássico desenvolvido pelas escolas não dá conta. Fazer atividades do interesse dos alunos, utilizando recursos tecnológicos, poderá criar novas formas de reconhecer as predileções deles.

**Entrevistadora:** A partir dos legados identificados, quais deles você considera importantes para construção de políticas públicas para a educação?

**Cesar Nunes** - Balancear soluções que vem de fora, de especialistas, da academia, de empresas do mundo da tecnologia, com soluções que vem de dentro, dos professores, dos alunos e baseadas em conhecimento aberto é com certeza um ponto importante a considerar. Nessa mesma linha, dar maior autonomia para os professores e para as escolas desenharem e implementarem processos de ensino e de aprendizagem, incluindo aí uso de portfólios e as várias estratégias de avaliação formativa, é outro ponto a ser incluído nas políticas públicas caso se queira uma educação adequada aos dias de hoje. Por fim, eu destacaria o papel das comunidades de prática na criação e valorização de uma cultura na qual a experimentação, o compartilhamento, o apoio e a disseminação rápida de boas experiências contribuam tanto para o dinamismo, necessário para a educação acompanhar as mudanças do mundo, como uma solidez para garantir os propósitos da educação reagindo coletivamente a modismos.

**Rogers Mendes** - Considero que a principal função social da escola é a promoção da equidade. Sem garantir o direito de aprender a todas as pessoas, o que o currículo estabelece como essencial para uma vida cidadã em uma sociedade cada vez mais complexa e permeada em todos os setores de produção por elevado grau de conhecimento, a escola não cumpre o que se espera dela. Nesse sentido, os recursos tecnológicos, que permitem acompanhamento e orientação pedagógica igualmente individualizados, parecem ser a grande oportunidade de desenvolvimento nos próximos anos. Nenhum recurso tecnológico sobressai no contexto escolar sem que os professores o considerem importante para as suas práticas e para a aprendizagem dos estudantes. Plataformas adaptativas combinadas com acesso a tecnologias e à internet nas residências dos discentes são dois investimentos que recomendo que ganhem força por meio de políticas públicas educacionais bem estruturadas e com recursos suficientes para fazer esse artifício presente e à disposição de professores e estudantes.

**Entrevistadora:** Educação on-line, híbrida, remota, a distância, semipresencial, além de outros termos foram usados repetidamente para descrever cenários da escola durante o isolamento social. Quais dessas expressões podem se destacar como importantes nesse período? É possível dizer que conceitos tradicionais foram reinventados no contexto da pandemia?

**Cesar Nunes** - Para quem, como eu, pesquisa e atua na área de tecnologia na educação há tantos anos, houve uma preocupação com certa desvalorização ou barateamento de alguns termos que representam anos de esforços e avanços para mostrar o que, quando e que contextos contribuem para uma educação de qualidade. Isso se aplica à educação a distância, à educação on-line e ao ensino híbrido. O avanço e a profissionalização dos educadores, nesses campos, nunca veio na perspectiva de urgência que se teve na pandemia e a substituição inexorável do presencial. Como não houve tempo de fazer formações específicas, criar condições adequadas de acesso para todos, desenhar atividades customizadas para o contexto, o uso da palavra “emergencial”, por exemplo, “remoto emergencial” ajuda a minimizar um pouco uma possível superestimação do papel da tecnologia. O que se viu, contudo, foi também uma reação rápida por parte de muitos educadores e gestores que mostraram caminhos e possibilidades que acabaram por redefinir conceitos como a educação híbrida, numa visão ampliada e enriquecida, com foco na redução de desigualdades e na educação emancipadora. Isso ainda não é generalizado, mas sinaliza um caminho promissor.

**Rogers Mendes** - Penso que educação híbrida representa melhor o propósito de inverter a lógica do ensino centrado no professor, colocando as necessidades dos estudantes como estruturantes para a definição do currículo e das práticas didáticas realizadas pela escola. Em outra perspectiva, orientar melhor os estudos em ambientes diferentes do presencial da sala de aula pode ser um fator enriquecedor das experiências de desenvolvimento integral. O que não é razoável é imaginar uma volta das atividades presenciais que ignore as novas possibilidades que se apresentaram. Nisso tudo, o mais importante a considerar não é a entrada sem contexto da tecnologia no fazer pedagógico, mas, sobremaneira, incorporar às práticas docentes o que pode servir ao propósito mais nobre da escola: garantir aprendizagem com significado para todos os estudantes.

#### **Entrevistadora:**

De modo a concluir, por enquanto, este diálogo, que nos suscitou muitas reflexões acerca das demandas por inovações técnicas e tecnológicas para apoiar a educação - mesmo compreendendo que essas demandas já estavam postas de o final do século XX -, bem como sobre as lições referentes ao uso de novas estratégias de aprender e ensinar experienciadas pelos educadores no contexto da pandemia da Covid-19 nos últimos quase dois anos. Consideramos a urgência de “mudanças estruturantes no currículo e nas práticas pedagógicas” (MENDES, 2021, s/p), o que tem se inserido na narrativa em vértice de uma *educação híbrida* - conceito este ainda emergente e tensionado pelas influências e interesses polissêmicos que envolvem o campo educacional. Portanto, concluímos as narrativas aqui mobilizadas como elementos para aquecer o debate presente e futuro.

No contexto emergencial, concebemos o ensino remoto com uma nova estratégia no ciberespaço<sup>4</sup>, em articulação com outros métodos já praticados pela Educação a Distância (EaD) e pela Educação On-line (EoL). Agora, prospectamos a narrativa para a constituição de políticas educacionais na direção de uma educação híbrida.

### **REFERÊNCIAS**

BALL, S. J. **Educational reform: a critical and post-structural approach**. Buckingham: Open University Press, 1994. 164 p. ISBN 9780335192724.

---

<sup>4</sup> Para Edméa Santos (2019, p. 30), "o ciberespaço é um conjunto plural de espaços mediados por interfaces digitais, que simulam contextos do mundo físico das cidades, suas instituições, práticas individuais e coletivas já vivenciadas pelos seres humanos ao longo de sua história".

